



## A RELAÇÃO ENTRE O ENSINO DE GRAMÁTICA E AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Fernanda Bonfim de Oliveira; Carolina de Fátima Guimarães

*Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutai*  
fernanda.oliveira@ifgoiano.edu.br; carolina.guimaraes@ifgoiano.edu.br

**Resumo:** Abordar sobre os aspectos distintivos entre a conceitualização que se atribui a língua e a linguagem são bastante recorrentes. Desde os primórdios estudos linguísticos, diversos são os autores e as concepções que se abarcam essa temática. Quando se refere à linguagem, são diversas as concepções que se faz necessário levar em consideração. As diversas correntes teóricas possibilitam uma variedade de noções sobre a distinção língua-linguagem ligadas a cada uma dessas abordagens. A atuação profissional de cada indivíduo que está ligado a área das linguagens está inevitavelmente ligada a essa diversidade de conceitualizações. Sabendo-se que a atuação docente no ensino de línguas em sala de aula está intrinsecamente ligada as noções que o mesmo possui sobre a linguagem, este trabalho visa analisar as contribuições das diferentes teorias de concepções de linguagem no estudo e no ensino da gramática. Inicialmente serão apresentadas algumas concepções ligadas as mais discutidas teorias. As distinções que são apresentadas em cada abordagem sobre a língua e a linguagem visando a percepção distintiva entre o conceito de língua e o conceito de linguagem. Em seguida, traça-se um comparativo entre tais teorias e o ensino da gramática, ou seja, as contribuições de cada uma dessas concepções para o processo de aprendizagem da língua portuguesa em sala, mais especificamente, da gramática. Considera-se essa temática de extrema importância visto que seu relexo na atuação docente influencia diretamente o desempenho acadêmico dos discentes quanto ao desenvolvimento da língua a ser aprendida. Sendo assim, ter a percepção de utilizar uma metodologia adequada a esse ensino é de suma importância.

**Palavras-chave:** ensino de gramática, concepções de linguagem, linguagem, gramática.

### Introdução

Somos sujeitos constituídos pela linguagem e cercados pela mesma. A concepção que se tem sobre o que é linguagem norteia quem somos e como agimos, ou seja, a relação da concepção que se tem sobre a linguagem influencia diretamente no nosso modo de viver. Assim, não poderia ser diferente ao se falar sobre essa influência no processo de ensino-aprendizagem. A atuação docente, principalmente dos professores de línguas, está diretamente ligada a concepção que o mesmo carrega sobre a linguagem.

Inicialmente precisa-se distinguir os conceitos de língua e linguagem. O início da discussão sobre essa distinção surge com a linguística moderna quando Saussure define a língua como objeto de estudo da linguística. Para ele apesar de a linguística ser instituída por todas as manifestações da linguagem humana há uma divisão dentro da própria linguagem: a língua e a fala, uma considerada essencial e outra secundária, respectivamente. Saussure prioriza estudar os elementos normativos que formam língua.



Assim, o caráter normativo e estável prevalece sobre o caráter mutável da língua que é vista como produto acabado e transmitido pelas gerações. Segundo essa teoria o que interessa não é a relação do signo com a realidade ou com o indivíduo, assim, o signo é considerado independentemente das relações ideológicas.

Bakhtin, contemporâneo de Saussure contrapõe ao estruturalismo por discordar com a defesa de a língua ser sistema estável. Bakhtin apresenta a língua como atividade social, embasada nas necessidades de comunicação, assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica.

Quando se pensa no ensino da Língua Portuguesa a concepção de linguagem é de suma importância visto que a também reflete em outros conceitos ligados ao ensino dessa língua como o conceito de língua, gramática, leitura, produção textual, oralidade, variedade linguística, norma, entre outros. O presente trabalho visa refletir acerca dos conceitos acima citados. Visa-se, unicamente, na relação do ensino da gramática e as concepções de linguagem que a norteiam.

A gramática no ensino da língua portuguesa apresenta, no decorrer do processo de escolarização, complexidade tanto para professores como para alunos. Para professores pois se apresenta quase que exclusiva preocupação para se transmitir tantas regras para os discentes. Para os alunos por se tratar de um conteúdo de demanda esforço maior de apropriação do conhecimento visto que o a gramática da língua padrão distancia do uso que grande parte da sociedade da língua na oralidade.

Dada a complexidade que se observa no ensino do português ligada a quantidade de regras gramaticais que a mesma possui nota-se o início de uma aversão quando se trata de aprender a língua em questão. A possibilidade de se aprender a língua em sua modalidade padrão sem o peso de se memorizar as inúmeras regras e ainda as exceções dessas mesmas regras possibilita ao discente o aprendizado da língua sem maiores traumas ou dificuldades.

Sabedores dessa realidade, diferentes autores se dedicaram a estudar novos caminhos para o ensino e aprendizagem da língua portuguesa relacionada as concepções linguísticas implícitas a cada docente. O foco do presente trabalho é quanto ao desdobramento no ensino da gramática no que se refere as diferentes concepções de linguagem que norteiam a atuação docente. Desse modo, busca-se aqui, diagnosticar as concepções de linguagem e de gramática predominantes no ensino da língua portuguesa.

Assim, no presente trabalho serão retomadas algumas concepções de linguagem ligadas as principais teorias linguísticas e de aquisição de linguagem. Opta-se por falar sobre as concepções defendidas por: Saussure, da teoria normativa a qual se deu início aos estudos linguísticos; Bakhtin,



que defendia a língua como um sistema instável, dada a partir da interação e da dialética. Em seguida, realizamos uma breve reflexão sobre as concepções de gramática em cada corrente filosófica apresentada. Assim, busca-se refletir as contribuições das mesmas para o ensino da gramática em sala de aula.

### **Influências das concepções de linguagem**

A influência das teorias linguísticas acerca da linguagem influencia em todos os processos linguísticos, não apenas no ensino da gramática. No processo de repetição, por exemplo, há distintas visões conforme teoria de linguagem que se embasa. Visto que a repetição é um procedimento recorrente tanto da expressão oral quanto escrita da linguagem.

O fenômeno da repetição é comum a diversas línguas. A gramática tradicional considera a repetição como um vício de linguagem. Entretanto, quando se analisa a interação na qual ela ocorre há autores que defendem esse mecanismo como um recurso expressivo sendo fundamental ao discurso falado. (CAMACHO & PEZATTI,1998)

O termo repetição é comum e de conhecimento geral. Sabe-se que a repetição é a reprodução de algo que já foi realizado, e no caso da língua que já foi dito. É comum em diversas línguas a recorrência de algo que já foi anteriormente mencionado, seja na escrita ou na fala.

Roberto Camacho (1998), em seus estudos, relembra que por muito tempo a repetição foi considerada, como um erro ou vício de linguagem na Gramática Tradicional. Em contra partida estudos funcionalistas que consideram a linguagem como instrumento de interação, que consideram a função de determinada partícula dentro da língua mudaram essa concepção. A repetição a partir de tal perspectiva é entendida como um recurso linguístico empregado de diversas formas e com diversas funções.

Há no português algumas figuras de linguagem que demonstram exemplos de ambas argumentações. Um exemplo da utilização da repetição como um erro é a figura de linguagem conhecida como pleonasmio vicioso. O pleonasmio é a repetição de uma ideia utilizando ou não as mesmas palavras.

Ex.: Subir para cima, descer para baixo, prefeitura municipal...

Nos exemplos acima a repetição de ideias são redundantes, ou seja, se trata de um pleonasmio vicioso. É notável que não se é possível subir sem que seja para cima, descer sem que seja para baixo ou uma prefeitura que não seja de município. Em todos esses casos essa repetição de ideias se torna um equívoco na língua portuguesa. Há também entre outras figuras de linguagem a



aliteração que “é a repetição de um fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas” (BECHARA, 2006).

Ex.: “As asas ao sereno e sossegado vento”

No trecho acima retirado de “Os lusíadas”, a repetição do fonema /s/ proporciona efeito sonoro similar ao do vento visando transmitir a ideia escrita com um recurso sonoro da aliteração (BECHARA, 2006).

É notável que a repetição é detectada tanto na escrita quanto na fala quanto na língua escrita. Contudo, sabe-se que a repetição não é somente um vício de linguagem como já detectado, mas que ela também pode ser utilizada para enriquecer a língua como um recurso da mesma.

Quando se entende, porém, a linguagem como instrumento de interação há outra visão para a Repetição. Marcushi, um dos pesquisados que defendem a repetição como um recurso a define como a “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (MARCUSHI, 1992). Sendo assim, pode-se deduzir que a repetição seja uma recorrência intencional de algo já relatado dentro de um mesmo enunciado.

Em seus estudos, Marcushi (1996) considera a repetição de todas as unidades linguísticas e as classificou a partir das manifestações dessas unidades. São basicamente 5 grupos de repetições: fonológicas, apresentadas no português como algumas figuras de linguagem como a aliteração; repetições de morfemas, como os prefixos ou sufixos; repetições de itens lexicais, que são itens específicos como as vogais; repetições de construções, no que se refere a ordem dessas construções; e repetições de orações.

Essa classificação, contudo, é complexa. Alguns aspectos dessa classificação não podem aplicados para estudos nas línguas de sinais visto que, apesar de apresentem todos os níveis linguísticos se tratam de algumas particularidades da modalidade oral.

O índice de ocorrência da repetição se dá no discurso falado. Fiorin, (2008) propõe a repetição como uma “estratégia de formulação textual” e a evidencia como resultante do discurso falado devido à interação face a face.

Assim sendo, procuramos evidenciar que a repetição, sendo um fenômeno resultante da interação face a face, constitui uma estratégia de grande valia para o processo textual interativo, seja na sua contribuição para o processamento informacional, seja na preservação da funcionalidade comunicativa (FIORIN, 2008).



Baseando nessa concepção de que as repetições atuam como recurso na composição do texto discursivo, é possível que se classifique a repetição também quanto a sua função. Rosália Fiorin, (2008) tomando como base os estudos de Marcushi (1996) apresenta essa classificação.

### **Influências das concepções de linguagem no ensino da gramática**

A linguagem considerada expressão de pensamento carrega uma visão da tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna. Para esta concepção, entende-se que há regras precisam ser seguidas para alcance uma organização lógica do pensamento.

O estruturalismo, corrente que abordava a língua a partir de sua estrutura e forma faz uma dissociação entre o contexto e a situação, além dos aspectos discursivos sociais e históricos que acaba por restringir a língua a uma unidade do sistema, apenas. Ou seja, desvincula a língua de suas características mais relevantes.

A gramática ensinada a partir dessa concepção defende que a boa escrita esteja pautada no ensino e memorização das regras linguísticas para se ter domínio da língua. Assim, os objetivos traçados são da transmissão do que é “certo” e o “errado” excluindo as variedades que se encontra na sociedade, ou seja, impõe uma única variedade como correta e aceita socialmente.

A gramática é vista aqui como essencial para o aprendizado da língua, ou seja, um ensino pautado nas exposições de regras. Por ter a língua como um sistema estável, invariável e homogênea expressar-se com clareza implica no domínio da norma padrão da língua, ou seja, o português tido como correto.

O Ensino da língua tendo a linguagem como instrumento de comunicação se pauta nos gêneros e tipos textuais por serem importantes instrumentos de transmissão de mensagens. Assim, o foco estava em aprender as características de cada gênero e reproduzi-los além de saber identificá-los.

Foi com essa concepção de linguagem que se aprovou nas Leis de Diretrizes e Bases 5692, de 1971, o ensino da língua portuguesa como Comunicação e Expressão. Nessa perspectiva, a linguagem é entendida como código e o estudo da língua ainda tende ao ensino gramatical. Todavia, a leitura e a produção textual passa a ser trabalhadas na escola com os elementos da teoria da comunicação, como expõe Travaglia (2005, p. 22), “A língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor [...]”.



A linguagem vista como meio de interação proporciona reorientação quanto ao ensino da língua, pois o professor trabalha a linguagem como um sistema (específico, histórico e social) de signos, que possibilita ao indivíduo significar o mundo e a sociedade usando a linguagem de acordo com as necessidades e do contexto em que ocorrem as diferentes atividades discursivas.

Segundo a corrente interacionista, o texto passa a ser a principal fonte para se trabalhar a estrutura linguística, ou seja, não são regras isoladas, mas sim um conjunto de fatores estudados em um contexto. Busca-se a interação entre sujeitos na construção do sentido para o texto.

Aprender a língua nesse contexto não é simplesmente decorar um conjunto de regras ou vocábulos. O foco está em saber utilizar os conhecimentos linguísticos no momento de interação com um outro. Assim, a linguagem é vista como uma atividade, na qual há a interação em que os sujeitos saem da condição de agentes passivos do discurso e passam a ser sujeitos ativos.

## O Ensino de Português

Quando se trata do ensino do português percebe-se a complexidade de cada concepção diretamente ligada a atuação docente. Doretto, em sua pesquisa elabora um quadro no qual apresenta cada aspecto do ensino a língua portuguesa de acordo com da teoria de concepção de linguagem.

A autora argumenta que é preciso é discutir como realizar o ensino do português, diante da necessidade de se atingir o objetivo de desenvolver competências e habilidades linguísticas e discursivas. Assim, faz-se necessário que diferencie o conceito de gramática dentro de cada abordagem. Possenti, (1996, p. 86), defende que “ensinar gramática é ensinar a língua em toda sua variedade de usos, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso [...] aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas” (p. 92).

A partir da análise de diversas obras e diferentes autores, Doretto e Beloti elabora um quadro no qual aborda a importância das três concepções de linguagem para o trabalho da língua portuguesa em sala de aula. Segue abaixo o quadro realizado pelas autoras.

Conceitos Subjacentes	Concepções de Linguagem		
	Expressão do Pensamento	Instrumento de Comunicação	Processo de Interação
Gramática	Prescritiva: conjunto de regras que devem ser seguidas, para garantir o êxito na escrita e na fala	Descritiva: conjunto de regras que são seguidas. É uma produção em grupo,	Internalizada: conjunto de regras que o falante domina e utiliza para interagir com os demais



		que descreve as regras utilizadas pela sociedade, na qual cada sujeito, individualmente, busca o código adequado à situação.	interlocutores nas situações reais de comunicação. Considera-se a gramática como contextualizada
Função da Língua	Exteriorizar um pensamento, ou seja, materializá-lo gráfica ou fonicamente, com o predomínio do eu	Transmitir (codificar) informações, portanto, há o predomínio do tu.	Realizar ações, agir sobre o outro e, dessa forma, o predomínio está nas interações verbais sociais.
Sujeito	A linguagem é considerada dom, o sujeito pode controlar o êxito e a boa comunicação, logo, é “consciente” e “individual”.	A linguagem é competência, o sujeito, determinado e assujeitado, ao codificar sua mensagem, espera que seu receptor decodifique-a exatamente da maneira que foi intencionalizada	A linguagem é interação, o sujeito psicossocial, ativo na produção de sentidos, construído na e pela linguagem, passa a ocupar posições sujeito determinadas.
Texto e Sentido	Texto: produto pronto e acabado, dependente da capacidade de criatividade individual, ligado à retórica. Sentido: único.	Texto: modelo a ser seguido. Sentido: único	Texto: é o próprio lugar da interação, produzindo sentido conforme a situação. Sentido: polissêmico.
Leitura	Decodificação: reconhecimento imediato dos sinais	Interpretação: reconhecimento do código de comunicação	Compreensão: relacionamento do texto com os diversos



	linguísticos.	e estabelecimento de relações superficiais.	contextos que o cercam. Coproduzir sentidos.
Produção Textual	Colocar o pensamento em forma de linguagem e seguir as regras impostas pela gramática tradicional	Seguir os modelos já existentes, baseados nas tipologias textuais: narração, descrição e dissertação.	Interagir com os demais sujeitos, a partir de reais necessidades, com finalidade, interlocutores e gênero discursivo definidos.
Unidade Básica de Análise	Palavra	Frase	Texto
Principais Atividades de Ensino	Classificação de palavras; análise lógica; regras gramaticais.	Seguir o modelo; preencher lacunas; repetir, treinar; centro nas estruturas da língua.	Leitura; produção de textos (baseada nos gêneros discursivos); análise linguística; oralidade.
Objetivo ao Ensinar	Atividades Metalinguísticas para dominar a norma culta: estudo das regras e nomes.	Atividades Metalinguísticas para reconhecer as estruturas da língua e segui-las.	Atividades Epilinguísticas e Metalinguísticas para promover o desenvolvimento das habilidades linguísticas e discursivas.
Oralidade	Não é considerada e é entendida como idêntica à escrita.	Começa a ser considerada, em uma abordagem sincrônica, mas ainda há uma predominância da língua escrita.	Tida como tão importante quanto a escrita, já que a adequação de ambas depende da situação real de interação comunicativa.
Variedades Linguísticas	Exclui, pois tudo o que foge à norma culta é considerado errado e	Reconhece, apenas teoricamente, durante o uso da língua pelo	Considera e entende, levando-se em conta o contexto, os objetivos e



	deficiente.	falante.	as circunstâncias.
Norma	Culta: somente a da classe dominante.	Culta: somente a da classe dominante, com reconhecimento do que é real e ideal.	Variantes: conforme as situações reais de uso.
Caráter da Língua	Homogêneo e invariável.	Homogêneo e invariável	Heterogêneo e variável.
Critério de Avaliação	Certo x errado: norma imposta que reproduz o preconceito linguístico.	Certo x errado: acordo com os modelos a serem seguidos.	Adequado/ inadequado à situação de uso da língua.

### Considerações Finais

O docente ao assumir a posição de mediador do conhecimento, carrega a responsabilidade de buscar as melhores estratégias e mecanismos para que se cumpra com eficácia os objetivos propostos. Quando a mediação de trata do ensino de uma língua, essa busca precisa ser ainda mais cautelosa e metodológica.

A partir da leitura para elaboração desse trabalho observa-se que a concepção que o professor possui sobre a linguagem influencia diretamente em sua atuação. Assim, é necessário que o mesmo busque informações que visem fortalecer sua atuação de forma mais eficaz a partir de sua noção sobre o que é a língua e sobre a sua importância.

Atualmente, não se tem uma padronização sobre o ensino da gramática em sala de aula. Todavia, todas as correntes e teorias têm suas contribuições que podem ser agregadas para melhor se atender ao objetivo proposto em sala.

Por ser mais recente e apresentar boa aceitação na prática docente, a defesa da linguagem como instrumento de interação busca amenizar os bloqueios que o ensino embasado na memorização de regras abarcou. Dessa forma, a aceitação pelo ensino de língua em sala passa a ser democratizado diante da diversidade de sujeitos que integram esse processo.

Com a finalidade de contribuir prática docente e buscar reflexão sobre uma melhor atuação apresentou-se nesse trabalho alguns conceitos de forma a possibilitar refletir essa atuação. Assim, buscar não só o conhecimento como também a prática consciente podem proporcionar melhor aquisição do conteúdo pelo discente com o uso das contribuições que cada teoria oferece.



A busca constante pelo ensino mais democrático se pauta na diversidade social que temos e vivemos. Aprender a língua, nesse sentido, precisa abarcar essa diversidade. Implica em aceitar que a língua é um sistema instável e heterogêneo que recebe influências sociais, históricas e culturais no processo de expressão da mesma. Assim, a concepção da linguagem como “como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos de uma atividade constitutiva” (GERALDI, 1996, p. 67) produz melhores resultados quanto a ensino da gramática em sala de aula.

Tomando as palavras de Batista (1997):

é a alteração do ponto de vista sobre esses e outros fenômenos que pode, em parte, explicar as mudanças que vem sofrendo o ensino de Português ao longo de sua história, e que se expressam na alteração de seu nome: Gramática Nacional, Língua Pátria ou Idioma Nacional, Comunicação e Expressão, Português. É também a alteração desses pontos de vista – ou, particularmente, a competição entre eles – que pode explicar, em certa medida, as polêmicas e as verdadeiras lutas que com frequência se travam para a definição de seu objeto e objetivos: A gramática? A leitura e a escrita? A língua oral? O processo de enunciação de textos orais e escritos? O domínio de uma língua considerada lógica e correta em si mesma? O domínio da variedade linguística prestigiada socialmente? Dependendo das respostas que forem dadas a essas questões, diferentes práticas ensinarão diferentes objetos, como diferentes objetivos. Todas essas práticas, no entanto, poderão ser identificadas pela mesma designação: “Português”. Faz sentido, portanto, perguntar o que, ao se ensinar essa disciplina, é ensinado (p. 3-4).

Em síntese, a escolha de cada concepção implica tanto na denominação quanto na possibilidade de alteração dos objetivos. A escolha de uma análise gramatical ou linguística está relacionada a concepção adotada.

## **Referências**

- GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. Cascavel: Assoeste, 1984.
- TRAVAGLIA, L. C. Gramática e interação: Uma proposta para o ensino de gramática. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da linguagem. Tradução por M. Lahud e Y. F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.



SAUSSURE, F. Curso de lingüística geral. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

PERFEITO, A. M. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R. dos; RITTER, L. C. B. (org.). Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa. UEM, 2005.

NEDER, Maria Lúcia Cavalli. Concepções de linguagem e ensino de língua portuguesa. Disponível em: [www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/36/22](http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/36/22). Acesso em 26 out 2015.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco *et al.* Diagnóstico das concepções de linguagem e de gramática nas aulas de língua portuguesa. Disponível em: [www.revlet.com.br/artigo/79](http://www.revlet.com.br/artigo/79). Acesso em 26 out 2015.

DORETTO, S. A. BELOTI, A. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E CONCEITOS CORRELATOS: A INFLUÊNCIA NO TRATO DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM.

FIORIN, Rosália Perucci. *Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade*. Revista Eutomia, v. 2, p. 538-559, 2008. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/eutomia-ano1-volume2-artigos-linguistica.html>. Acesso em: 07. ago. 2013.

MARCUSHI, Luís Antônio. *A repetição da língua falada como estratégia de formulação textual*. In: KOCH, Inesore G. Villaça (Org.). Gramática do português falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. P. 95-129.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

POSSENTI, S. Por que (não) Ensinar Gramática na Escola. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996.

PERFEITO, A. M. Concepções de Linguagem, Teorias Subjacentes e Ensino de Língua Portuguesa. In: RITTER, L. C. R.; SANTOS, A. R. (Orgs.). Concepções de Linguagem e Ensino de Língua Portuguesa. Coleção Formação de Professores EAD, n. 18. Maringá: Eduem, 2005, v. 1, pp. 27- 79.

BATISTA, A. A. G. Aula de Português: discurso e saberes escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1997.